

## O DISCURSO DA VIOLÊNCIA

Luiz Antônio da Silva\*

DIAS, Ana Rosa Ferreira (1996) *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: Educ/Cortez.

A leitura atenta dos jornais de grande circulação em São Paulo é suficiente para detectar dois tópicos marcantes na obra da professora Ana Rosa: a influência do registro coloquial na imprensa e a violência. Com isso, é possível afirmar que a obra apresenta três pontos de interesse: lingüístico, jornalístico e sociológico. É verdade que não é intenção da Autora separar essas áreas de interesse, por isso elas estão imbricadas e uma se reporta à outra.

Já sugerida no próprio título, a obra em questão focaliza a violência. Na introdução, a Autora deixa evidente que procura estudar as mais diversas formas como a violência é veiculada pela imprensa. Como afirma Dino Preti na "Apresentação", a obra estuda "a maneira como o jornal manipula, nas palavras, a 'mensagem' da violência para seus leitores e a eficiência dessa intermediação entre acontecimento e público-alvo." Embora haja complexidade na conceituação do termo **violência**, são ricas as informações e discussões contidas no quinto capítulo, em que há uma preocupação em percorrer os sentidos do termo, partindo da etimologia.

O tema – violência – é polêmico no âmbito da comunicação de massa. Quando trata da representação da violência no jornalismo popular, a Autora faz importantes reflexões; discute a problemática da violência na história do jornalismo brasileiro e faz considerações a respeito do tema no jornalismo popular. É relevante dizer que, no veículo de comunicação pesquisado, a frequência do tratamento do tema contri-

---

\* Professor da Área de Filologia e Língua Portuguesa da FFLCH da Universidade de São Paulo.

bui para banalizá-lo e torná-lo normal e integrado ao cotidiano do leitor. Dessa forma, o jornal popular, ao trabalhar a representação perversa da realidade, utiliza, ao mesmo tempo, humor e horror, como no exemplo (p.97) que reproduz a manchete – “TOMATE VIROU PURÊ” –, pretendendo comunicar que um indivíduo, apelidado de “Tomate”, foi morto com vários tiros.

Igualmente importante é a questão da violência tratada no âmbito de luta de classes, pondo em relevo os contrastes sociais. Assim, constatamos uma visão social maniqueísta (patrões *versus* empregados), em que o jornal se posiciona claramente a favor da causa dos não-privilegiados, combatendo as injustiças praticadas contra a classe trabalhadora. Por vezes, utiliza a violência das expressões sindicais na defesa dos filiados.

Atualmente, os mais diferentes meios de comunicação de massa têm sido invadidos pelas marcas de oralidade. Mesmo os veículos mais tradicionais, que se preocupam em seguir um padrão culto, refletem a invasão do coloquial. Como também foi objeto de preocupação estudar as marcas de oralidade no jornalismo popular, a obra dá uma contribuição inestimável às indagações em torno da presença de traços de oralidade na língua escrita. Com isso, conclui-se que o jornal objeto de estudo não oferece dificuldades à leitura e compreensão dos textos apresentados, pois, na verdade, “o jornal busca estabelecer com seus leitores uma interação próxima da dinâmica da conversação, visando a fazer o discurso soar familiar”.

Nesse aspecto, é importante o quarto capítulo, em que se estudam as marcas de oralidade e sua representação no jornalismo popular. Essas marcas de oralidade são observadas em quatro níveis diferentes: discursivo, fonético, morfológico, sintático e lexical. Nesse capítulo, há inúmeros exemplos de marcas de oralidade, destacando-se a última seção, sobre gíria, pois a característica mais marcante do vocabulário do jornalismo popular é a gíria, desde aquela denominada comum até aquela marginal, ligada a grupos restritos.

O trabalho é fruto de uma pesquisa realizada para a tese de doutorado, apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. As considerações sobre o *corpus* dão início ao livro. Foram utilizadas cerca de 500 ocorrências, retiradas do jornal *Notícias Populares*, colhidas esporadicamente durante o segundo semestre do ano de 1991. Também foram utilizadas, como *corpus* de controle, entrevistas feitas com leitores do jornal e pequena seleção de notícias recolhidas do jornal *Folha de São Paulo*, notícias essas que focalizavam os mesmos fatos publicados no *Notícias Populares*.

Ao comentar o material de pesquisa, a Autora faz um interessante relato sobre a fundação do jornal objeto de pesquisa. Dessa forma, é possível perceber que a linguagem empregada no jornal está adequada ao público leitor a que se destina. *Notícias Populares*, fundado em 1963, estrutura-se de maneira a atender os interesses do público leitor definido como “trabalhador”.

Nesse mesmo capítulo, é discutido o papel dos “manuais de redação” dos jornais mais tradicionais. A filosofia desses manuais demonstra certa dose de resquício de um purismo gramatical, nem sempre seguido pelos jornalistas. O *Notícias Populares* é visto como antimodelo desses manuais, pois aproxima-se da linguagem oral e leva à discussão do contraste entre língua oral e escrita.

Escrita numa linguagem simples, adequada e fluente, a obra em questão pretende estudar como a linguagem oral popular constitui uma das formas mais expressivas para representar a violência. Dessa forma, deve ser consulta obrigatória para estudiosos de Lingüística, Jornalismo e Sociologia.